

PENSÃO ASSISTIDA: OFICINA CRIATIVA

**TALITA GONÇALVES MONTEIRO¹; CAMILA DO CANTO PEREZ²; JOSÉ
RICARDO KREUTZ³; MORGANA CARDOSO RODRIGUES⁴; MARIA TERESA
DUARTE NOGUEIRA⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas– talitagmonteiro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– camilacperez@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - morgana_cardoso@ymail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – mtdnogueira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pensão Assistida é uma instituição administrada pela Prefeitura Municipal de Pelotas, Secretaria Municipal de Justiça Social e Segurança, que abriga homens e mulheres, à partir de 18 anos, com transtornos mentais ou em, situação de rua, que por algum motivo não tem condições de retornar a casa de seus familiares ou os mesmos não são localizados. A casa é uma das alternativas aos hospitais psiquiátricos nos modelos que conhecemos atualmente. Apesar de seus moradores serem na maioria portadores de transtornos mentais ela é vinculada as políticas de assistência social; O propósito é que a casa ofereça um ambiente familiar que é importante para o tratamento e reabilitação de doentes mentais. NETO (2007) apresenta uma série de estudos que mostram a importância do ambiente familiar no prognóstico de doenças como a esquizofrenia. Os moradores residentes atualmente apresentam em sua maioria deficit nos modelos familiares, e o ambiente da casa visa criar uma estruturação de família no sentido que os mesmos sintam-se acolhidos e figuras ativas no ambiente.

A Oficina Criativa faz parte do projeto “Pensão assistida: por uma saúde integrada”, atualmente dividida em dois residenciais inclusivos, financiado pelo Programa de Extensão Universitária (ProExt). Ela foi inserida no local com intuito de se estabelecerem atividades que visem incentivar a criatividade e fortalecer o vínculo entre os moradores através de diversos recursos; dar voz aos internos pela manifestação artística e promover situações descontraídas onde possam escolher entre as possibilidades levadas com qual material desejam trabalhar, assim como dar sugestões para futuros trabalhos, proporcionando novos olhares além daqueles estigmatizados pela suas patologias.

Para GALLETTI (2004), o recurso oficina, de caráter múltiplo e heterogêneo, tem encontrado solo fértil para sua disseminação geralmente nas instituições identificadas como ideário da reforma psiquiátrica, desempenhando um papel fundamental nos trabalhos institucionais, promovendo uma ampliação nos limites de atuação e contribuindo na elaboração de novos sentidos para clínica, levando em consideração que no contexto da assistência social, impõe que se pense em uma clínica ampliada.

É importante salientar que as oficinas não devem apenas desempenhar um papel de ocupação das mentes com intuito de exercer uma vigilância produtiva continua como aponta CEDRAZ; DIMENSTEIN (2004), por isso foi escolhido um modo de trabalho que oferecesse autonomia aos oficinairos, e não para que esses se tornassem espectadores do processo de criação, para não cair no que FOCAULT (1997) denomina biopolítica, onde estariam presentes relações de poder que buscam o gerenciamento da vida e o controle da loucura.

2. METODOLOGIA

A oficina ocorre de sexta-feira a tarde, uma vez na semana, e os materiais que foram levados inicialmente são: tinta guache, cartolina, massa de modelar, argila, canetas hidrográficas, lápis de cor, giz de cera, miçangas, cola colorida, glitter, revistas para recorte, folha sulfite, tesouras e cola. Esses materiais foram escolhidos por terem sido usados em um outro estágio dentro da pensão e terem tido boa adesão dos integrantes. Entre os materiais sugeridos pelos moradores estão estruturas para fazer brincos, tipos diferentes de miçangas, folhas de papel maior e tela para pintura. Para alguns moradores o trabalho com miçanga se torna dificultoso, devido a pouca motricidade, no entanto, eles também se mostraram interessados em desenvolver pulseiras e colares, por esse motivo foram escolhidas pedras que possuem uma abertura maior no orifício que se introduz a linha. Dentre os materiais supracitados, os que obtiveram maior adesão nas atividades, foi o trabalho com miçangas, pintura com guache em cartolina e desenhos com giz de cera.

Foi estabelecido um local de trabalho de maneira que os materiais fiquem disponíveis para escolha. Nos primeiros dias de oficina, era necessário que houvesse um deslocamento até a sala e quartos, convidando os moradores para participarem. Após algumas semanas eles já esperavam o início da atividade no local e horário pré-estabelecido. Friso que a participação é voluntária, em outras palavras, apenas é informado o início do trabalho e, os que se interessarem, podem realizar as atividades, não havendo a necessidade deste começo ser pontualmente às 14h (horário de início da oficina), o número de participantes é itinerante, variando de 05 a 10 por dia, em horários e momentos diferentes.

A figura dos extensionistas que auxiliam no trabalho é de facilitador/oficineiro, não apenas do desenvolvimento da atividade manual, mas principalmente na manutenção do diálogo com os moradores que participam do projeto e na motivação de que os que não participam possam vir participar, essa maneira de trabalho foi adotada pois encontramos críticas na literatura de como as oficinas funcionavam dentro de CAPS's (Centro de Atenção Psicossocial), por exemplo, onde CEDRAZ; DIMENSTEIN (2004) apontam que elas serviam como meio de manter os usuários ocupados, onde há muito pouca criação e uma hierarquia dos saberes.

São realizadas também reuniões semanais com os orientadores tanto para troca do que é vivido nos dias de trabalho, como em sugestões de materiais para serem trabalhados. Seguindo esta lógica de trabalho obtivemos os resultados mostrados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto se desenvolveu de maneira satisfatória dentro da casa, os moradores são ativos no processo de criação, no entanto, durante o desenvolvimento das atividades alterações tiveram que ser realizadas, em virtude do espaço reduzido de trabalho, o número de bolsistas para realização da atividade e a quantidade de pessoas que participavam da oficina. Assim, levando em conta as opiniões dos moradores, foi necessário alterar a maneira como os materiais eram disponibilizados. Eles informavam o que desejariam fazer, então, apenas os utensílios referente a escolha ficavam sobre a mesa, aumentando assim o espaço disponível para trabalharem.

O clima no desenvolvimento do trabalho é descontraído e eles compartilham durante o processo assuntos pessoais que são discutidos por todos os presentes, e temas gerais da casa como a comida, os filmes, e as outras atividades realizadas na pensão, permitindo que reflitam e troquem opiniões. Esse clima permite novas possibilidades de expressão sobre a vida cotidiana, que geralmente ficam difusas na convivência diária dos moradores, que se isolam em suas atividades ou desordens individuais.

É notável que o número de participantes nos trabalhos aumentou durante o período, conotando uma boa adesão por parte dos moradores, alguns dos quais não demonstram interesse em interagir com outros moradores, mas compartilham da experiência das oficinas e conseguem estar presentes nas atividades, mesmo os que possuem a comunicação comprometida partilham do momento pelo envolvimento com o material que é disponibilizado. No decorrer do trabalho eles conseguem se manifestar como indivíduos, que possuem medos, alegrias ou tristeza, sem serem repreendidos pela maneira como se expressam.

Destacamos que a oficina preconiza oferecer condições de possibilidade para que o participante busque sua inserção social, assim, temos como padrão recorrer, sempre que for possível, a opinião dos moradores, valorizando seus saberes na decisão sobre o que é feito com o material trabalhado. De forma tênue e germinal, esse processo de autogestão (BAREMBLITT, 2002) do material produzido na oficina acontece quando eles decidem acerca da designação por colocar os desenhos na parede, para que fique visível a outros moradores. Alguns guardam os trabalhos para si, quando a atividade se resume na pintura e criação de artesanato. As bijuterias podem ser usufruídas da forma que lhes convém, seja para uso próprio, ou para presentear uns aos outros.

Algumas dificuldades foram encontradas durante o trabalho: o desenvolvimento de trabalhos com pessoas portadores de transtornos mentais, assim como a prática de oficinas na saúde mental e na assistência social são, via de regra, determinadas mediante a presença de um especialista que dita a maneira como as atividades deveriam ser desenvolvidas, sendo esse o detentor de conhecimento técnico/científico. Apesar do trabalho tentar uma outra configuração nesse cenário, buscando a quebra de paradigmas, alguns dos processos permaneceram, como por exemplo, a relações de controle da equipe ocorridas entre o estagiário, que assume o papel de especialista, portador do material levado, e o oficinheiro. Ao mesmo tempo, essa relação precisou ser estabelecida para organização do trabalho, evitar o desperdício de material entre os integrantes, e para que se respeitasse com o horário de término da atividade, sendo assim uma hierarquia facilitadora e não de poder (BAREMBLITT, 2002). Esse tensionamento foi fundamental como campo de análise (BAREMBLITT, 2002) para que a oficina, como analisador construído - conceito de Baremblytt, que designa o que pode ser produzido com objetivo de explicitar conflitos - assuma novos rumos no processo de intervenção.

Apesar da limitação citada, a busca de autonomia no processo de criação vem surtindo efeito positivo, pois mesmo atuando, por vezes, de maneira vertical/atravessada em relação ao saber dos moradores, não foi preciso intervenções diretivas para se estabelecer limites na convivência dentro da oficina. As ações individuais, que se referem nas falas e atitudes que desagradam aos demais, são questionadas entre todos participantes e a pessoa que a manifestou, se retrata perante o grupo, não sendo necessário que os extensionistas interfiram no processo. Isto, demonstra o clima de liberdade vivido

na oficina pelos assistidos. A este clima, que demonstramos ser frutífero no lidar com estas situações.

4. CONCLUSÕES

O trabalho teve seu início dificultoso pela inexperiência de todos os envolvidos, porém, ao passar do tempo o contexto agenciou uma melhor convivência entre os moradores e os bolsistas indicando que as oficinas tiveram um efeito positivo sobre os interessados. Foi percebido uma sensível melhora compreensão e envolvimento dos moradores durante as atividades incluindo moradores com dificuldades de relacionamento com os demais que passaram a participar dos trabalhos.

Com o relativo sucesso da realização das oficinas, temos agora o intuito de levar as peças produzidas pelos assistidos e os próprios a eventuais locais de movimentação de pessoas tais como eventos itinerantes e praças públicas. A ideia é que o trabalho desenvolvido pela casa possa vir a ser exposto e comercializado (a um preço simbólico), favorecendo à inserção desses indivíduos na sociedade e criando possibilidade de administrarem entre eles o que ali for arrecado. Temos como objetivo. incentivar um senso de responsabilidade e de autonomia, mediante o trabalho proposto.

Não há intenção que a oficina se torne um processo institucionalizado dentro da casa, então a democracia mediante o processo de criação, foi e será mantida durante todo o tempo de execução, assim como o poder de escolha sobre o que fazer com aquilo que foi criado.

Com isto, concluo que, a utilização dos meios mais libertários e humanitários, em resistência as formas mecanicistas e ditatoriais, próprias dos modelos asilares, que são muitas vezes aplicadas nestes casos, demonstrou pela prática ser bem acolhida pelos assistidos. Obtivemos bons resultados no que diz respeito ao convívio e articulação, seja verbal ou habitual, o que nos motiva a dar prosseguimento com os trabalhos dando um passo além, envolvendo a sociedade no contexto dos moradores. Esperamos que a confiança depositada neles seja uma forma simples, mas eficaz, de proporcionar uma melhor qualidade de vida ao núcleo "Pensão Assistida".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: Teoria e Prática**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002. 5ed.

CEDRAZ, A; DIMENSTEIN, M. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza v. 5, n. 2, p. 300-327, 2005.

FOCAULT, M. **Nascimento da biopolítica. Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GALLETTI, M. C. **Oficina em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?**. Goiânia: Editora UCG, 2004. 1ed.

NETO, M. R. L. **Psiquiatria básica**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 2ed.